



Si tu vois les crocs du lion apparaître, Abstiens-toi de croire que le lion sourit
Al Mutanabbi 915-965 (Iraq)

A armadilha do olhar: o intelectual
politicamente correto

*The standpoint trap: the politically
correct intellectual*

Valter Luciano **Gonçalves Villar**

Doutor em Literatura Brasileira, professor da Universidade Federal do Pará – UFPA.

RESUMO

O artigo trata do estudo das configurações árabes, através da dicção de poetas e escritores nacionais, buscando entender, dentro da historiografia literária, as formas pelas quais as gentes árabes foram retratadas na tradição escritural brasileira. Após, os estudos de Edward Said são a base para a compreensão dos discursos acerca das gentes árabes. Para tanto, utilizam-se as últimas publicações de dois autores, Tzvetan Todorov e Amin Maalouf, para entender o quanto as abordagens do politicamente correto atende aos interesses dos gabinetes governamentais.

Palavras-chaves: Árabes. Literatura Brasileira. Eurocentrismo. Choque das civilizações.

ABSTRACT

Considering our poets' and writers' diction, this paper deals with a study about depictions of Arabs, seeking to understand, within literary historiography, the means through which Arabian peoples were portrayed in our writing tradition. Therefore, we make use of Edward Said's conceptions in order to understand the discourses about Arabian peoples. To this end, we also select the last publications of two authors, Tzvetan Todorov and Amin Maalouf, so that we can emphasize how much the politically correct approaches meet the interests of governmental offices.

Keywords: Arabs. Brazilian Literature. Eurocentrism. Clash of civilizations.

Deir Yassin era um pacato vilarejo próximo de Jerusalém, no caminho para Tel Aviv.[...] Estavam dormindo quando vozes em alto-falantes começaram a ordenar que abandonassem suas casas e evacuassem o vilarejo. Acordaram aterrorizados, percebendo que estavam cercados pelos bandos armados das milícias sionistas. Assim teria começado a matança.

Arlene E. Clemesha

A linha de pensamento de Edward Said preceitua que os textos literários, de variadas naturezas, são formas de atuação nas sociedades em que se inserem, construindo, fortalecendo, modificando ou inaugurando formas de pensamentos e comportamentos – no caso, conjunto de ideias e procedimentos sociais a respeito da comunidade árabe. Assim, procuramos entender, nesse momento, os gestos e maneiras pelas quais os nossos poetas e escritores se ocuparam com a presença das gentes árabes em terras brasileiras, no imaginário de nossa sociedade.

Inevitavelmente, isso nos levou à constatação de que a apreensão escritural do mundo árabe, pelos artistas de nosso corpo literário, molda-se diferentemente em dois momentos distintos de nossa história política e literária. No primeiro momento – que se inicia com os Textos de Informação, até alcançar as letras do Barroco – observamos que essas apreensões são perpassadas por sentimentos desagradáveis, impróprios. Exemplo disso são as recorrentes hostilidades, estranhezas, negações, receios e diversificadas deformações, não apenas das gentes árabes, mas também de suas instituições, de seus símbolos e signos, suas religiosidades, seus sistemas de crenças, seu modo cultural e social. Tem-se, assim, em Gregório de Matos, o proeminente, aquele que se destaca nesse papel restritivo e contrário ao povo do deserto.

Algumas explicações poderão surgir para justificar essa subjetividade negativa – exclusiva do período colonial e de seus agentes –, e todas elas contribuem para formar um entendimento maior acerca desse momento. Entre elas, no entanto, destacamos a intolerância em lidar com o diferente de si e o hábito da pilhagem dos recursos alheios, traços pelos quais se distinguem ou marcam o espírito do europeu, tão bem desvendado no ensaio *Por que e para que viaja o europeu?*. Nesse texto, se reproduzem os trechos que remetem aos entraves das guerras religiosas, surgidas a partir do fantasma da intransigência europeia e da legitimação da rapinagem:

Mesmo os puritanos que foram para a América de vez, e que podiam em princípio ser dados como insatisfeitos com a intolerância europeia, nada mais fizeram do que levar para a outra terra a intolerância de que eram vítimas e reafirmá-las de maneira mais vigorosa porque sem os entraves históricos e sociais existentes na Europa. [...] O conquistador europeu usurpa e, ao camuflar este gesto com a noção de propriedade, já aí institui como indispensável para o contrato social futuro a noção de roubo e conseqüente e indispensável punição. [...] A noção de propriedade só pode ser considerada como legítima e corrente depois que o primeiro e grande roubo for feito. (SANTIAGO, 1989, p. 191, 196)

Além dos postulados levantados por Silviano Santiago – a intolerância e o ímpeto à espoliação – ressaltamos os estudos acerca do medo, instituído em todos os níveis do pensamento europeu, apresentados no clássico *História do Medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada* (2009). Nessa obra, Jean Delumeau descreve a série de pavores inerentes à sociedade europeia ou construídos ao longo do tempo, os quais serviram para a construção de uma mentalidade normativa e punitiva.

Dessa forma, veremos revelados os vários pesadelos íntimos à civilização ocidental: o medo da noite, da fome, da peste, da bruxaria, do mar, das profecias apocalípticas, dos idólatras ameríndios e fiéis muçulmanos – ambos agentes lucíferinos, entre outros. –Disso originou-se um conjunto de atividades, como o teatro religioso – as peças ensaiadas por José de Anchieta visavam, entre outros objetivos, “proteger” os índios dos perigos e ameaças islâmicas, luteranas e calvinistas –, na tentativa de suplantar esses pesadelos constantes e ameaçadores.

Essa onda temerária que o Ocidente criou, a respeito dos povos islâmicos, foi responsável pela publicação de centenas de livros, o que vem somar às afir-

mações de Edward Said (1990, p. 211) – mais de sessenta mil livros publicados sobre o mundo árabe, entre os anos de 1800 e 1950 –. Escritos que podem encontrar uma, entre as esclarecidas pelo orientalista palestino, justificativa no avanço surpreendente que os otomanos empreenderam, em pouco espaço de tempo, nas portas da Europa, precisamente no leste europeu:

Na América, a cristandade recentemente implantada marcava com sua agressividade o sentimento de insegurança que experimentava diante da idolatria. Mas mesmo na Europa ela se sabia em perigo: a onda turca deixaria um dia de arrebentar na direção do oeste? Os triunfos da “Renascença” e a dilatação ultramarina do ocidente cristão ocultam muitas vezes esta realidade que coincidiu com as duas outras: a inquietação provocada pelos sucessos otomanos. Comparação significativa: entre 1480 e 1609, imprimiram-se em francês duas vezes mais livros sobre os turcos e a Turquia do que sobre as duas Américas. (DELUMEAU, 2009, p. 397-398)

Essa insegurança, a que se remete o pensador francês, talvez esteja relacionada à incapacidade europeia de realizar algum grande feito, fora da arte da guerra ou sem o auxílio dos recursos oriundos dos saques e pilhagens perpetrados em torno do mundo. De qualquer maneira, o fato é que, da Queda de Constantinopla (1453) à chegada dos invasores lusitanos nas terras brasileiras, menos de cinquenta anos se passaram, tempo insuficiente para a cristandade europeia superar o trauma psicológico causado pela queda do Império Romano do Oriente. Por isso, esse choque emocional, juntamente com os ímpetos e pavores, citados pelo crítico Silviano Santiago e pelo pensador Jean Delumeau, terem reverberado nas manifestações escriturais do nosso Período Colonial.

Isso justifica os temores de se depararem com os árabes nas terras americanas. Esses receios estão registrados: nas cartas do escrivão Isaias Caminha e do Piloto Anônimo; na pregação de ações violentas contra os índios e os árabes, defendidas pelos colonos Pero de Magalhães Gandavo e Gabriel Soares de Souza; na negação e na deformação das gentes árabes pela pretensa prosopopeia de Bento Teixeira; e, por fim, nos ataques violentos e agressivos a tudo que lembrasse o mundo árabe, envergados à veia poética do agente colonial Gregório de Matos Guerra.

Passado esse primeiro momento, chegamos às letras neoclássicas, em que não se vê nenhuma menção ao mundo árabe que importasse em significados maiores, razão pela qual chamamos esse período de nossa literatura de *fase de transição*. Se nessa fase intermediária, entre a literatura colonial e o advento do

Romantismo, a presença árabe não se faz tão recorrente, no entanto, assistiremos ao início dos questionamentos, realizados pelos nossos poetas, em torno dos conceitos civilizacionais a que se arvoram possuidores as gentes europeias. Daí o tom denunciador dos crimes contra a pessoa humana, impetrados pelos europeus e postos na poética de Tomás Gonzaga; dos crimes de danos ao patrimônio particular e coletivo, lembrados pela poesia de Cláudio Manuel da Costa; e, por fim, do sentimento de impotência diante do espírito de pilhagem do europeu, confessado pelo árcade José Basílio da Gama, no épico *O Uruguai*, “deveis entregar-nos estas terras/ao bem público cede o bem privado/O sossego da Europa assim o pede” (BASÍLIO DA GAMA, s.d., p. 34).

Talvez a estabilidade das fronteiras do Império Otomano tenha esfriado os ânimos europeus; e os árcades, agora, sob as luzes do Iluminismo, ocupar-se-iam com os temas da civilização grego-romana, mas isso é pouco provável, pois grandes acontecimentos envolvendo a Europa e o mundo árabe se passaram nesse período. Em relação a Portugal, temos o desmantelamento do mais antigo posto militar português em atividade nas terras árabes, que culminou com a assinatura do Tratado de Paz, celebrado no ano de 1769, entre a Coroa portuguesa e o sultão Mohammed III, do Marrocos, resultando na transferência da Fortaleza de Mazagão para o Brasil. Depois, a acomodação fronteiriça do Império Otomano gerou um movimento de reação da cristandade, que começou com a Batalha de Viena (1683) e, aos poucos, avançaria pela periferia da Porta Otomana, corroendo o Velho Doente até sua derrocada final.

Se esses acontecimentos não motivaram os neoclassicistas do Brasil, em suas tessituras, é porque eles estavam voltados para outras preocupações, como o desejo de mais autonomia política para a colônia, consequência natural, provocado pelo nascedouro de um sentimento de pertencimento às terras brasileiras. Esse desabrochar patriótico seria considerado por Antonio Candido para justificar os momentos decisivos para a formação da nossa literatura, pois “se a atitude estética os separa radicalmente, a vocação histórica os aproxima, constituindo ambos um largo movimento” (CANDIDO, 2006, p. 18), refere-se o crítico à disposição e ao pendor dos neoclassicistas e românticos para a formação de uma nação soberana.

Essa inclinação dos românticos para a constituição de uma pátria resultou numa corrida ao conhecimento de nossas peculiaridades, que exigiram, de nossos intelectuais, intensas e extensas pesquisas, em todos os segmentos científicos da época, como observamos o caso de Gonçalves Dias, especificamente em sua tese comparativa sobre os ameríndios brasileiros e oceânicos.

Para formular a defesa de que nossos indígenas são superiores aos indíge-

nas da Oceania, o poeta maranhense buscou seus conhecimentos nos diversos postulados dos pesquisadores e viajantes europeus, o que vem confirmar a tese de Edward Said, de que conhecemos o mundo árabe por meio das construções discursivas daqueles “especialistas” orientais, todos, sem exceção, europeus (SAID, 1990, p. 73,178).

Apesar dessa visão acerca do árabe que nos iniciou em novos olhares, os escritores do romantismo, como atesta Gonçalves Dias, eram sabedores desses simulacros europeus, principalmente no tocante ao binômio civilizado/selvagem. Pois eles, alimentados por uma tradição literária, que incluía a presença árabe e europeia, souberam se valer de uma visão dialética, que permitiu aos artistas desse período empreender uma compreensão, ainda que aligeirada, acerca do fosso entre os fatos históricos e a literatura europeia.

Esse senso dialético talvez tenha auxiliado os românticos a compreenderem que uma literatura tão rica de literariedade e beleza – como o clássico *As Mil e uma Noites* –; uma medicina tão avançada quanto a praticada no Oriente; uma filosofia original, tão bem representada por Avicena; recursos terapêuticos usados na época, antecipadores da musicoterapia; o pendor imaginativo do seu povo; e, finalmente, seu amor à liberdade – tão bem metaforizada pelas areias do deserto, sem limites, sem cercas, sem propriedades – não poderiam advir de um povo que fora retratado pelos orientalistas europeus apenas como pitorescos e exóticos. Algo estava errado, e não foi difícil para os românticos saberem de que lado assentava o desacordo.

Daí a precisão histórica de Gonçalves Dias ao retratar os derradeiros suspiros do reino árabe de Granada; a tentativa de penetração nesse mundo imagístico, levado a efeito pelo mais imaginativo poeta desse período, o jovem Álvares de Azevedo; e a busca de arquétipos e modelos, encontrados no mundo árabe, que serviram à causa militante e abolicionista do baiano Castro Alves.

A partir desse momento, começa, então, a despontar, em nosso corpo escritural, uma espécie de admiração, reconhecimento e aceitação dos valores árabes, o que se tornaria recorrente até os dias de hoje. Além desses escritores românticos, de alguma forma familiarizados com o mundo árabe, observamos, em Machado de Assis, que essa simpatia se tornará sistemática e abundante.

Aqui, a influência do imperador D. Pedro II pode ter contribuído para a inclinação de Machado de Assis ao mundo árabe, pois os elogios e a visita do soberano brasileiro ao Vale do Bekaa, no Líbano, depois Damasco, não apenas impressionaram os círculos da corte, mas também foram responsáveis pela primeira etapa da imigração árabe para o Brasil (1860-1938). Ocasão em que “os primeiros imigrantes árabes instalaram-se nas ruas da Alfândega e do Ou-

vidor, no Rio de Janeiro” (HAJJAR, 1985, p. 89), vias a que Machado de Assis não parava de se referir em seus diversos e variados gêneros literários, principalmente em suas crônicas.

Além dessa vizinhança, dessa proximidade com a administração imperial, Machado de Assis era um assíduo leitor dos jornais estrangeiros da época e da Literatura Universal, de onde deve ter extraído seus conhecimentos acerca da medicina árabe, postas no conto *O Alienista*; sua defesa do modelo de administração muçulmana, expresso em sua veia poética; sua admiração pelos costumes árabes, como se vê na crônica do vizinho Assef Vieira; entre tantos outros momentos que Roberto Schwarz classificou de suas “turquias”.

Esse estreitamento entre os nossos literatos e o mundo árabe, iniciado com os românticos, parece-nos sugerir que a simpatia ao mundo árabe está intimamente relacionada à formação e ao desenvolvimento de uma literatura brasileira, constituída como um sistema (CANDIDO, 2006, p.18). Pois, a partir desse segundo momento, os árabes não deixariam de aparecer nas lentes literárias de todos os períodos vindouros, configuração perpassada por recorrentes elogios, assimilações e compreensão dos pontos que nos assemelham com os povos das terras arábicas. Geraram, dessa forma,, uma farta produção literária, que alcançaria grandes escritores e poetas contemporâneos, transformando essa simpática presença numa espécie de *leitmotiv* da Literatura Brasileira.

Então, assistimos à poetização desse mundo levada a efeito por Jorge Amado; a rápida e feliz integração entre os intelectuais árabes e os integrantes do Modernismo de São Paulo; o reconhecimento de outros modernistas, como Drummond, Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, que sempre retratam seus personagens de origem árabe como alguém que pertence, ama ou se interessa pelas terras brasileiras; a tentativa de Georges Bourdoukan de mostrar o quanto a grandeza árabe fora destruída pelos poucos cartéis que ditam a política da Europa e dos Estados Unidos; e, por fim, a retomada desses traços poéticos, ornamentados nos personagens masculinos árabes e muçulmanos de Milton Hatoum, dão continuidade a uma tradição que, hoje, luta arduamente contra a formação de estereótipos e clichês, reproduzidos pelas corporações midiáticas nacionais.

Nesse segundo momento, que compreende do Romantismo até os dias de hoje, muitas obras foram publicadas, mostrando a dimensão humana do povo árabe, alargando, assim, a compreensão sobre esse mundo oriental. Apesar dessa construção literária – realizada ao longo de quase duzentos anos, tornando os árabes como uma espécie de brasileiros que vieram de terras distantes, conforme declara o sírio Nacib, de Jorge Amado –, hoje, estamos assistindo ao

desmoronamento desse colóquio humano literário, empreendido pelos meios de comunicação que operam no país, com exceção apenas das páginas independentes. Essas empresas midiáticas tentam, a todo custo, substituir a imagem literária, pacientemente e entusiasticamente ornada nas letras dos poetas e escritores nacionais, pelos clichês e estereótipos veiculados na Europa e nos Estados Unidos, conforme podemos comprovar quando o 43º presidente dos Estados Unidos, George Walker Bush, determinou, à época, uma série de publicações caricaturadas sobre o Iraque:

Aqui, foram importantes as percepções e atitudes políticas moldadas e manipuladas pelos meios de comunicação. No Ocidente, as representações do mundo árabe desde a guerra de 1967 têm se mostrado toscas, reducionistas, grosseiramente racistas, conforme foi constatado e verificado por inúmeros estudos críticos na Europa e nos Estados Unidos. Mesmo assim, prosseguem caudalosamente os filmes e programas de televisão mostrando os árabes como “cameleiros” frouxos, terroristas e reques obscenamente ricos. Quando a mídia se mobilizou seguindo as instruções do presidente Bush, no sentido de preservar o modo de vida americano e repelir o Iraque, não se mostrou nem se falou muito sobre as realidades políticas, sociais e culturais do mundo árabe [...] Embora seja inquestionável que a mídia está muito mais bem equipada para lidar com caricaturas e sensações do que com os processos mais lentos da cultura e da sociedade, e razão mais profunda dessas concepções equivocadas é a dinâmica imperial e, sobretudo, suas tendências separatistas, essencializantes, dominadores e reativas. (SAID, 1995, p.70-71)

E essas empresas de difusão da informação estão ganhando terreno, estão vencendo essa batalha. Muitos profissionais liberais foram formados, ao longo desses anos, em todos os setores, na esteira discursiva eurocêntrica. Daí para visão redutora e deformadora das gentes árabes é só uma questão de tempo.

Sobre esse desalinhamento histórico, cultuado contra o povo árabe, é interessante o resultado das pesquisas realizadas por Ana Gomes de Souza. Analisando os livros didáticos que são adotados pelas escolas públicas do País, a pesquisadora, em entrevista ao ICARABE-SP, detectou que as deformações acerca do povo árabe fazem-se perceber a partir dos livros do ensino fundamental que, entre outros equívocos, traz em seu bojo a insinuação de que Allah é um deus muçulmano, o que acarreta sérios problemas à formação dos estudantes secundaristas:

Os erros são vários. O termo Allah, de forma geral, é entendido como o deus muçulmano, e não como a palavra árabe que designa a palavra deus, seja qual for a religião a que se refira. Essa confusão pode “ocasionar a formação de preconceitos porque não permite a identificação da religião islâmica como fé monoteísta e os muçulmanos como devotos do mesmo deus adorado por cristãos e judeus”. (SOUZA, 2006, não paginado)

Apesar das observações apontadas pela historiadora, na opinião de outra arabista, a jornalista e tradutora Isabelle Somma, a questão do preconceito contra os árabes que vivem no Brasil, em especial os muçulmanos, dá-se por conta dos meios midiáticos que importam da Europa e dos Estados Unidos as notícias que interessam aos países hegemônicos, em especial aqueles que movem guerra contra os árabes. Retomando o discurso do rei Pirro, apontado em outras ocasiões por Silviano Santiago, Somma relembra o quanto esse insistente discurso tem procurado legitimar o uso da força militar, para justificar os novos assaltos à riqueza de outros povos, no caso, o petróleo árabe:

O que esquecemos, porém, é que esses meios de comunicação internacionais se coadunam com a velha visão de potências hegemônicas. Trazem a visão de que devemos dominar os bárbaros, sejam eles quem for, mas principalmente aqueles que vivem em cima do petróleo. Essas mesmas potências pretendem continuar hegemônicas e, por isso, tudo que as ameaça está em sua mira. E os meios de comunicação acompanham, sem ao menos duvidar das intenções de seus governos. O apoio em massa da mídia norte-americana à Guerra do Iraque é o exemplo mais notório. (SOMMA, 2007, não paginado).

Retomando a questão das empresas midiáticas, hoje é possível observar que, apesar de ter se passado mais de dez anos desde as denúncias de Ana Gomes de Souza, os livros didáticos distribuídos nas escolas públicas de todo o país continuam reproduzindo, agora de maneira mais flagrante, todos os conceitos e informações equivocadas acerca da história e da cultura árabe. É o caso do livro de História do 7º ano fundamental, de autoria do professor Cláudio Vicentino. Nessa obra, distribuída pelo Ministério da Educação a todas as escolas públicas do Brasil, o autor extrai quatro textos do Alcorão, referentes às mulheres (VICENTINO, 2011, p. 73), em que se percebe uma generalização da visão redutora, própria do discurso denunciado por Edward Said. É flagrante o ob-

jetivo de comparar, no livro do ensino básico, o modelo feminino de nossa sociedade com o comportamento das mulheres árabes, como se isso fosse proveitoso para o aprendizado dos jovens secundaristas.

Ainda não temos estudos detalhados que nos possibilitem aferir, com mais precisão, os efeitos, no imaginário de nossa sociedade, daqueles acontecimentos ocorridos no dia 11 de setembro de 2001. No entanto, depois dos ataques ocorridos contra as Torres Gêmeas, o Marriot Hotel e o Pentágono, é possível admitir que ainda estamos nos deparando com uma situação que torna urgente lembrar o apelo que Edward Said (2003, p.251) fez para que todos os intelectuais combatessem a desinformação de diversas matizes. Apesar disso, ele mesmo reconheceu o quanto é utópica a construção de uma Nova Ordem de Informação Mundial, denominação criada por Sean McBride, em relatório promovido pela UNESCO:

Esse relatório atraiu uma quantidade enorme de ataques e críticas mal-humoradas, muitas vezes descabidas, a maioria delas de jornalistas e generalistas americanos esbravejando contra “os comunistas” e “o terceiro Mundo” por tentarem restringir a democracia da imprensa, a livre expressão de ideias, as forças do mercado que determinam a indústria de telecomunicações, imprensa e computação. Mas mesmo a vista de olhos mais superficial pelo Relatório McBride revela que, longe de recomendar soluções simplistas como a censura, a maioria dos membros da comissão manifestou dúvidas consideráveis de que se pudesse fazer muita coisa para se conseguir equilíbrio e equidade na anárquica ordem informativa mundial. (SAID, 1995, p.360)

Talvez o reconhecimento de que é quase impossível romper essas barreiras informativas, criadas no seio das comunidades ocidentalizadas, tenha levado dois dos mais respeitados críticos do eurocentrismo, Tzvetan Todorov e Amin Maalouf, a contemporizar com os discursos postos em circulação pelos sucessivos gabinetes governamentais dos Estados Unidos.

Apesar de dedicar a obra *O medo dos Bárbaros*: para além do choque das civilizações (2010) à memória de Edward Said, Todorov realiza uma intrigante reprodução do discurso orientalista, denunciado pelo crítico palestino, quando se propõe a superar essa espécie de armadilha ideológica, chamada de *choque de civilizações*. Dessa forma, veremos o crítico búlgaro, radicado na França desfilar estranhas posições que divergem tanto do seu passado teórico, quanto dos postulados do intelectual palestino, a começar pela afirmação de que a escassez de energia e água é a causa motivadora de todas as guerras atuais:

Pior ainda, os recursos vitais – por exemplo água e energia – estão em vias de diminuir. Nestas circunstâncias, a competição entre países é inevitável, o que implica, também, agressividade dos menos favorecidos em relação aos mais afortunados e inquietação destes na tentativa de preservar e proteger suas vantagens (TODOROV, 2010, p. 10)

Desnecessário, nesse momento, procurar os sentidos para os eufemismos que carregam as palavras “competição”, “menos favorecidos”, “mais afortunados”, “inquietação”, mas nelas percebe-se que o crítico não tomou conhecimento – ou deixou de considerar – que nunca houve tanta oferta desses recursos, principalmente de petróleo e gás, como vemos agora. O que, no mínimo, podemos considerar que o crítico apagara de sua memória os mais de quinhentos anos de guerras que os países europeus moveram pelo mundo para estabelecer seus projetos colonialistas.

Imediatamente a essa afirmação, Todorov voltaria a assegurar, numa intervenção estranha, inconcebível e incompreensível com o seu passado intelectual, que a inveja e o sentimento de rejeição são as principais características das ações dos espoliados. Relata, ainda, que essas reações, na verdade, são ressentimentos pelos quais se constroem e explicam as causas do terrorismo árabe:

Há, portanto, motivos para desconfiar dos resultados dessa luta desigual: entre os desfavorecidos, ela engendra inveja ou rejeição, ou as duas atitudes simultaneamente; por sua vez, entre os afortunados, desdém ou condescendência ou, ainda, compaixão. [...] No que diz respeito aos “países do ressentimento”, eles temem os ataques que tais países poderiam desferir, além dos atentados terroristas e das explosões de violência; e para cúmulo, a ameaça relativa às medidas de revide que eles seriam capazes no plano energético uma vez que, em seus territórios se encontram as maiores reservas de petróleo. (TODOROV, 2010, p. 12,13-14)

Coroando as suas excêntricas intervenções – espécie de retorno ao berço da Europa que tanto lhe deslumbrou, quando, no passado, chegara na condição de exilado do Leste Europeu – passaria a defender tanto o uso da força pelos países ocidentais, quanto o tão combatido direito de ingerência. Linhas que vão nortear sua tese de tentar “ir além do choque das civilizações”, como tentou justificar o autor búlgaro:

Os países ocidentais têm o pleno direito a se defender contra qualquer agressão e atentado aos valores que eles escolheram para fun-

dar seus regimes democráticos; eles têm de combater com firmeza, em particular qualquer ameaça terrorista e qualquer forma de violência. No entanto, seria preferível que eles evitassem qualquer reação desproporcionada, excessiva e abusiva porque ela produziria resultados contrários aos pretendidos (TODOROV, 2010, p. 14)

Nesse caminho, o crítico vai construindo sua proposição, a partir de postulados, até então, solidificados na mente do europeu, como a noção de que os árabes são violentos, potencialmente terroristas, agressores de mulheres (TODOROV, 2010, p. 100), fanáticos e sectários (TODOROV, 2010, p. 163) e avessos aos valores da democracia (TODOROV, 2010, p. 214). Apesar desse caminho – da formulação da tese de que existe um acirrado confronto entre os países do medo (Europa) versus países do ressentimento (árabes), espécie de maniqueísmo disfarçado – o crítico de origem búlgara deixa entrever algumas manobras sionistas e estadunidenses para intimidar o discurso daqueles que se opõem ao estado de violência legitimada, mas não avança nesse sentido. Não desenvolve seu raciocínio, o que nos leva a crer que o crítico, ao fazer demasiadas concessões ao seu público, composto majoritariamente de europeus, terminou por se render ao discurso oficial, ou seja, ocidental, em detrimento de um questionamento acerca dos pontos frágeis desse mesmo discurso. Ele se impõe a um silêncio sobre os reais motivos que levaram esse discurso oficial a se expandir em todos os setores do fenômeno da informação, desde as mais simples charges, até os livros que representam o pensamento daqueles que advogam o *choque das civilizações*.

E o erro maior de Tzvetan Todorov parte do princípio de que os atentados ao World Trade Center, em Nova York e ao Pentágono, foram realizados justamente por Osama Bin Laden e seus seguidores. O crítico não questiona nada mais desse discurso, não levanta as vozes e testemunhas oculares que foram silenciadas; não leva em conta o que qualquer calouro de física ou de engenharia sabe: o calor provocado nas torres é infimamente insuficiente para derreter estrutura daquele porte, muito menos a armação interna, composta de quarenta e sete colunas, em cada torre, feitas inteiramente de aço; que até o presente momento, não foi apresentado um parafuso sequer do suposto avião jogado contra o Pentágono; nem tão pouco apareceram quaisquer vestígios, ainda que fossem marcas no solo, do quarto avião, abatido pelos caças estadunidenses, quando sobrevoava a Pensilvânia; não avalia o quanto é improvável e surreal apresentar os passaportes dos acusados, queimados nas bordas, apesar de seus corpos terem sido carbonizados com a explosão, como provas da participação dos elementos ligados ao grupo do

saudita Osama Bin Laden; nada menciona acerca das toneladas de *nano-thermite*, material usado em explosivos detonadores, de uso exclusivo das forças armadas dos Estados Unidos, encontradas nos escombros da World Trade Center; não pergunta o motivo de os proprietários do complexo terem ordenados, dois dias antes daqueles acontecimentos, a retirada de todos os cães farejadores do local, além de terem realizado seguro específico contra possíveis desabamentos dos prédios. Ou seja, o autor admite *ipsis litteris* todo o discurso oficial, apresentado pelo gabinete do ex-presidente George W. Bush, apesar dos vários protestos de figuras importantes do cenário político europeu da época, como ex-presidente da Itália, Francesco Cossiga, e o bispo estadunidense Richard Williamson, da Igreja Católica Apostólica Romana que acusaram a CIA e o MOSSAD de terem executado os atentados terroristas; de atores famosos, como Charlie Sheen e Sharon Stone, que se opõem abertamente aos relatórios e alegações dos governos Bush e Barack Obama, e criaram uma comissão independente para questionar as provas apresentadas pelo serviço secreto dos Estados Unidos; os documentários contundentes do cineasta Michael Moore; os questionamentos do parlamento japonês que, na época, não conseguia entender como aquilo poderia ser obra do grupo liderado por Osama, se o saudita estivesse, uma semana antes, internado no hospital da base militar estadunidense Al-Seeb, situada nos Emirados Árabes, para tratamento de hemodiálise; enfim, não questiona o que foi publicado pelo jornal francês *Le Monde Diplomatique* que, em diversos momentos, levantou depoimentos e questionamentos acerca do episódio, dos indícios que desmentem a versão oficial, em especial os pesquisados pelo jornalista italiano Giulietto Chiesa¹, ex-deputado que atuou no parlamento europeu, autor do filme *ZERO – Enquête sur le 11 Septembre*.

É difícil encontrar razões mais claras para tentar justificar os motivos pelos quais o crítico Todorov optou por colocar, convenientemente, o senso crítico de lado, passando, desse modo, a operar de forma muito semelhante aos intelectuais afinados com as normas do Estado, executores que são, no plano informativo, das orientações políticas dos sucessivos governos, justamente o contrário do que Said (2003, p. 251) esperava de um intelectual comprometido com o avanço do pensamento de sua sociedade.

Apesar de não operar de maneira tão aproximada com as versões oficiais, como fez Todorov, o crítico de origem libanesa Amin Maalouf curiosamente também admite a versão oficial do 11 de Setembro. Não apenas admite, como endossa o pensamento do pensador búlgaro, quando parte do mesmo princípio psicologista – o do ressentimento, raiva e desespero árabe – para explicar a existência dos atentados terroristas:

1. Chiesa foi correspondente de *Il Manifesto* e de *Avvenimenti*, colaborador de várias rádios e televisões na Itália, Suíça, Reino Unido, Rússia e Vaticano. Membro do Conselho Executivo do World Political Forum. Autor do filme e de diversas obras, mantém um blog, em língua italiana, bastante diversificado, chamado *Il Fatto Quotidiano*, que, entre tantas questões, integra, juntamente com duas dezenas de intelectuais europeus, o movimento, chamado “Consensus 911”. Disponível em < <http://www.ilfattoquotidiano.it/2012/06/07/11-settembre-nuovi-indizi-smentiscono-la-versione-ufficiale/255256/>>. Acesso em 16 sete 2016.

Ficou a sensação de que tudo que constitui a identidade árabe é detestado e desprezado pelo restante do mundo, e, ainda mais grave, algo lhes diz que, no fundo, tanta raiva e desprezo – contra o mundo e contra si mesmo – explica em grande parte os comportamentos destrutivos e suicidas que caracterizam nosso início de século. [...] Uma revisão dilacerante se opera desde então, mas no amargor e no medo. E com um transbordamento da fé que mal disfarça a infinita desesperança. (MAALOUF, 2011, p. 165,166)

Apesar desse alinhamento, desse deformado olhar sobre os reais problemas que envolvem os países árabes, ainda subjugados pelas diversas faces da dominação estrangeira, entre as mais gritantes, o estabelecimento do Estado Sionista, Amin Maalouf realiza um salto intrigante, em sua tese de avaliar o esgotamento de nossas civilizações, tanto a pretensa civilização ocidental, quanto a civilização árabe.

Nesses detalhes, opera com as diversas variantes históricas – na tentativa de elucidar as razões pelas quais o mundo se encontra em desajuste – os motivos da regressão da sociedade árabe, a diferença entre o discurso europeu civilizatório e sua *práxis* selvagem e destrutiva. Revela um importante ponto de vista, pouco conhecido entre nós, apesar de ter se tornado senso comum no Oriente: de que o nasserismo foi um retrocesso para as sociedades árabes, pois o mito *Nasser*, com sua ideia de partido único, de mundo árabe unificado, aniquilou, juntamente com os interesses ocidentais, a infância das eleições democráticas, que se projetavam com a independência dos vários países do Oriente Médio (MAALOUF, 2011, p. 129).

Outro ponto importante dessas diversas variantes é a revisitação do desmembramento do Império Otomano, com as lideranças árabes ansiosas e confiantes de que teriam direito à soberania, principalmente, porque apoiaram os europeus na luta contra os turcos-otomanos. Nesse momento, os árabes tentam lembrar as promessas feitas, pelos países europeus, de autonomia. Confiantes na celebração do acordo que permitiria a independência da região, os árabes haviam acertado com o líder dos judeus, Chaim Wizmann, o apoio para o estabelecimento de um lar judaico na Palestina. Acordo que não se concretizou, devido à traição, à quebra de promessas das potências europeias, que preferiram repartir – como bem antecipou Machado de Assis, em uma de suas crônicas – toda a região entre a Inglaterra e a França:

Durante a estada em Paris, Faiçal encontrou Chaim Weizmann, figura importante do movimento sionista e que se tornaria, 30 anos

depois, o primeiro presidente do Estado de Israel. Os dois homens assinaram, em 3 de janeiro de 1919, um surpreendente documento realçando os laços de sangue e as estreitas relações históricas entre os dois povos, estipulando que, se o grande reino independente desejado pelos árabes fosse criado, ele apoiaria o estabelecimento dos judeus na Palestina. Mas o citado reino não aconteceu. As potências estimaram que os povos da região não estavam capacitados para se autogovernar e decidiram confiar à Grã-Bretanha um “mandato” sobre a Palestina, a Transjordânia e o Iraque, e à França outro “mandato” sobre a Síria e o Líbano. Furioso, Faiçal resolveu seguir o caminho traçado por Atatürk, tentando pôr as potências diante de um fato consumado. Proclamou-se “rei da Síria”, formou em Damasco um governo ao qual se juntou a maioria dos movimentos políticos árabes. Mas a França não tinha a intenção de perder o território que lhe fora delegado. Enviou imediatamente um corpo expedicionário que não teve a menor dificuldade em aniquilar as frágeis tropas de Faiçal e conquistar sua capital em julho de 1920. A única batalha aconteceu perto de uma vilarejo chamado Maysalun – nome que se manteve na memória patriótica como símbolo de frustração, impotência, traição e luto. (MAALOUF, 2011, p. 119-120)

Além dessa revisitação, que quebra todo um discurso construído em torno da negativa árabe em reconhecer a existência do Estado de Israel, Amin Maalouf lançaria um novo olhar sobre o colonialismo praticado pela Europa, atestando que esse engendra, dentro de si, as provas de que os europeus são incapazes de feitos maiores, inclusive os de administrar toda a riqueza extraída de seus domínios. Essa é a conclusão de suas afirmações acerca do pretensioso discurso de que a Europa arquitetou a construção de uma civilização pelo mundo, argumento oficialmente usado pelo governo francês, apesar dos reiterados protestos. “Os impérios coloniais construídos por nações europeias, nos séculos XIX e XX, pelo contrário, nunca passaram de extensões de si, verdadeiras escolas práticas de racismo e de transgressão moral, que abriram caminho pra as guerras, os genocídios e os totalitarismos que ensanguentaram a Europa.” (MAALOUF, 2011, p. 236).

Apesar daquela simetria com Todorov, o crítico libanês não mais procura justificar ou complementar os pontos de convergência com o pensador búlgaro, o que nos leva a acreditar que Amin Maalouf, escrevendo para um público

européu, valeu-se do discurso petrificado no imaginário desses leitores para, a partir daí, fazer sérios questionamentos acerca dos desajustes, como ele afirma, das culturas, no caso, civilizações europeia e árabe.

Esse caminho pode ser o indicativo de que esses dois críticos caíram na armadilha montada por aqueles que advogam a existência de um conflito das civilizações. A exemplo de Anthony Pagden, cederam às pressões dos vários meios informativos e das ideias construídas no imaginário dos leitores, ficando, assim, temerosos de expor as razões pelas quais é legítimo criticar os modos dos quais o Ocidente se vale para justificar ações indiscriminadas contra qualquer cidadão, contra qualquer nação.

Esse medo de falar sobre a participação oficial nos acontecimentos de 2001 e sobre o mundo árabe em muito se assemelha à intolerável chantagem usada pelos dirigentes sionistas que, tentando desqualificar quaisquer críticas aos seus modos belicistas e desumanos, rotulam, sistematicamente, todo intelectual na categoria da “judeofobia”. Conceito esse percebido por vários ensaístas de origem judaica – Avram Noam Chomsky, Shlomon Sand, Norman Gary Finkelshtein, Ilan Pappé, Judith Bluter, só para citar os mais proeminentes – que procuraram mostrar as frágeis razões desse discurso, artificialmente construído por vários governos israelenses e insistentemente usado para justificar a suspensão das liberdades civis, tanto dos israelenses, quanto dos palestinos.

Se a tática, o caminho escolhido por esses dois grandes intelectuais parece correto ou acertado, só o futuro poderá conceber. O fato é que, nesses dias de convulsões sociais – guerras, assassinatos, torturas, agressão de variadas naturezas – pelas quais passa o mundo árabe, a sociedade brasileira não deixaria de receber os influxos dessa guerra, travada entre nós, principalmente pelos meios de informação, que buscam conquistar, a cada momento, a cada matéria, as mentes e os corações dos brasileiros, na tentativa de embarcá-los nessa desventura ocidental. A esse objetivo se opõem os poetas, escritores, intelectuais e ativistas políticos, ligados à causa árabe – como Safa Jubran, José Farhat, Otávio Cury, Miguel Attie Filho, Soraya Ismaili, Murched Taha, Cláudia Falluh, Mustafa Jarouche, Georges Bourdoukan, Michel Sleiman, João Baptista de Medeiros Vargens, Milton Hatoum, entre tantos outros –, valendo-se, sobretudo, do nosso passado escritural e do feliz encontro entre nós e os árabes, que *se fizeram brasileiros dos melhores* (AMADO, 1994, XVIII), conforme assegura o melhor de nossa tradição literária.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Jorge. **A descoberta da América pelos turcos** ou de como o árabe Jamil Bichara, desbravador de florestas, de visita à cidade de Itabuna para dar abasto ao corpo, ali lhe ofereceram fortuna e casamento ou ainda os esponsais de Adma: romancinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- _____. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 59. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1979.
- ALVARES DE AZEVEDO. In: PIRES, Homero (Org.). **Obras Completas de Álvares de Azevedo**. 8 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. 2^o Tomo.
- ANCHIETA, José de. **Teatro de Anchieta**: obras completas. São Paulo: Edições Loyola, 1977, v.3.
- BASÍLIO DA GAMA, José. **Obras Poéticas de José Basílio da Gama**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d, p.34.
- BOURDOUKAN, Georges Latif. **Blog do Bourdoukan**. [São Paulo 2009 2012]. Disponível em <<http://blogdobourdoukan.blogspot.com.br>> Acesso em jan de 2017.

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHIESA, Giulietto. et al. *ZÉRO – Enquête sur le 11 Septembre*. [documentário] França, TPF Telemaco S.R., longa metragem, 104 min, cor, 2008.
- COUTINHO, Afrânio (Org). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, 3 volumes.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- GANDAVO, P. de M. *Tratado da terra do Brasil [1826]; História da província Santa Cruz [1576]*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. (Reconquista do Brasil; nova série, v.10).
- GOMES, Eugênio (Org). *Castro Alves: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, volume único.
- GONÇALVES DIAS, A. *O Brazil e a Oceania*. Rio de Janeiro: H. Garnier Ed. s.d.
- *Theatro*. Rio de Janeiro: H. Garnier Ed., 1868.
- HAIJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone Editora, 1985.
- HATOUM, Milton. Conversa com Milton Hatoum. *BABEL - revista de poesia tradução e crítica*. Santos-SP, Ano I, n. I, jan. a abr. de 2000, p. 6-22. Entrevista concedida a Susana Scramin.
- MAALOUF, Amin. *O Mundo em Desajuste: quando nossas civilizações se esgotam*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- MATOS, Gregório. *Poemas Satíricos: Gregório de Matos. Texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- PAGDEN, Anthony. *Mundos em Guerra: a luta de mais de 2.500 anos entre o Oriente e o Ocidente*. Tradução de Sally Tilelli. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010.
- PEREIRA, José Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil: Carta de Pero Vaz de Caminha; Carta de Mestre João Farás; Relato do Piloto Anônimo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- PROENÇA FILHO, Domicio (Org.). *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- SAID, Edward. *Cultura e política*. Tradução Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 1995.

- _____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas das letras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SILVA, José Manuel Azevedo. **Mazagão**: retrato de uma cidade luso marroquina deportada para o Brasil. Revista CAMÕES. N. 17/18. Biblioteca Digital Camões, 2004. Disponível em http://cvc.instituto camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/cat_view/62-revistas-epublicacoes/69-revista-camoes/914-revista-no17--18-relacoes-lusomarroquinas.html?start=10. Acesso em 15 out 2016.
- SOMMA, Isabelle. Muçulmanos brasileiros sofrem de preconceito importado. **Instituto de Cultura Árabe – ICARABE-SP**. Disponível em: <http://www.icarabe.org/CNo2/artigos/arts_det.asp?id=112>. Acesso em: 29 jan. 2017.
- SOUSA, G. S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587 [1825]**. 9. ed. rev. atual. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2000.
- SOUZA, Ana Gomes de. Erros históricos permitem formação de conceitos errados sobre Islã e muçulmanos. **Instituto de Cultura Árabe – ICARABE-SP**. Disponível em: <http://www.icarabe.org/CNo2/entrevistas/entr_det.asp?id=31>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- TEIXEIRA, Bento. Prosopopeia. In: JUNIOR, Milton Marques; POSSEBON, Fabrício; MAIA JUNIOR, Juvino Alves (Orgs). **Bento Teixeira: Prosopopeia**. 2 ed. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. **O Medo dos Bárbaros**: para além do choque das civilizações. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.
- VICENTINO, Cláudio. **História 7º ano**. Manual do Professor. São Paulo: Editora Scipione, 2011. (Projeto Radix – Raiz do Conhecimento).